

Como a inundação que não podia
acontecer levou a morte e a destruição
a uma comunidade americana

Noite de Horror Em Rapid City

JAMES H. WINCHESTER

NORMALMENTE, 35 centímetros de chuva é tudo o que cai num ano inteiro em Black Hills, montanhas íngremes e rochosas no Dacota do Sul. Mas, na noite de 9 de junho do ano passado, sem aviso e sem precedentes, de 25 a 35 centímetros caíram de uma vez só.

Uma enxurrada torrencial embrenhou-se por estreitas gargantas e foi bater com fúria incrível à porta dos fundos de Rapid City, pacífica comunidade de 43.000 almas. A inundação-relâmpago resultante destruiu uma represa de terra erguida havia 34 anos e liberou uma turbulenta muralha de água de metro e meio de altura através do coração da cidade.

Antes de parar a chuva e de a cheia se escoar, no começo da manhã de sábado, tinham morrido 237 pessoas, desaparecido cinco e

5.000 tinham ficado sem casa, numa área destruída de 50 quilômetros de comprimento e 750 metros de largura. As previsões meteorológicas para aquele dia eram de «céu parcialmente nublado com aguaceiros ocasionais, alguns deles atingindo, talvez, fortes proporções». Nada indicava chuvas excepcionais. Ao fim da tarde, porém, uma forte brisa de sudeste carregou uma quantidade de ar extraordinariamente úmido para o lado oriental das Black Hills. As encostas íngremes forçaram a subir o ar que entrava, provocando uma concentração de ar carregado de umidade sobre os montes. Como naquele dia a circulação superior era quase nula, a acumulação úmida ficou pairando, quase imóvel, e a chuva começou a cair.

A PRIMEIRA indicação dessa cheia que não podia acontecer surgiu

pouco antes das seis da tarde de sexta-feira. Clyde McCue, polícia rodoviário do Dacota do Sul, dirigindo o seu carro pelas Black Hills, 65 quilômetros a noroeste de Rapid City, avisou pelo rádio a delegacia de Deadwood de que um regato local estava transbordando e naquela área já havia 30 centímetros de água na estrada.

Dez minutos depois, outro polícia rodoviário avisou sobre um aguaceiro na Estrada n.º 40, 15 quilômetros a oeste de Rapid City. À medida que a tempestade se desviava para leste, começou a chover na própria cidade, mas ninguém se preocupou realmente. No novo ginásio Stevens, o auditório estava lotado para uma exibição de uma banda de música da Alemanha Ocidental. A pista de corridas de cães estava funcionando e o teatro de verão da cidade preparava uma nova produção: *Você Sabe Que Eu Não Ouço Nada Com a Água Correndo*.

Entrementes, na área das Black Hills, a chuva e a enxurrada de repente tornavam raivosos pequenos regatos, levando de roldão automóveis, reboques, casas, pontes e estradas. Dez quilômetros a noroeste de Rapid City, as águas do riacho Box Elder atingiram proporções de cheia. Ron Rathman, um jovem de 27 anos, pai de três filhos, saiu no seu furgão para ir ajudar um casal idoso que morava no caminho do riacho enfurecido. Antes de conseguir alcançá-los, uma muralha de água de 2,5 metros desceu rugindo dos montes e arras-

tou Ron e o veículo. Seu corpo nunca foi encontrado.

A poucos quilômetros do famoso Monte Rushmore, as águas do riacho Battle subiram 2,5 metros em questão de minutos. Alguns já metidos nos seus sacos de dormir, nove turistas acampados nas margens do riacho morreram afogados, e muitos outros perderam tudo quanto tinham consigo — equipamento de campismo e automóveis.

Cerca de 20 quilômetros a sudoeste de Rapid City, na estrada do Lago Sheridan, um jovem miliciano municipal saltou do seu caminhão enguiçado para a água, que lhe chegava aos ombros, e foi sugado para uma galeria inundada de nove metros de comprimento, que corria sob a estrada submersa. Saiu disparado pela outra extremidade, como uma bala, e foi lançado sobre o que se havia transformado numa queda de água de 4,5 metros de altura e para os destroços que rodopiavam no seu fundo. Arrastado cerca de 200 metros pela corrente, finalmente conseguiu agarrar-se a uma árvore e ficar pendurado até chegar socorro.

EM RAPID CITY, a maioria das pessoas estava trancada em casa por causa da chuva, que não parava de cair, praticamente alheia ao perigo. Os programas de rádio e TV continuavam normalmente, interrompidos aqui e ali por breves noticiários dos ainda vagos acontecimentos nas Black Hills. Ainda não havia alarma em Rapid City,

mas já havia problemas. O riacho Rapid despejava pelo menos 850 metros cúbicos de água por segundo no Canyon Lake, um lago artificial que ocupava uma área de 16 hectares e um a quatro metros de profundidade, situado numa zona residencial do lado ocidental. A água subia de maneira alarmante, fazendo pressão contra a represa do lago, uma muralha de terra de seis metros de altura. Pelas oito e meia da noite, foram abertos vertedouros para aliviar a pressão na represa. Mesmo assim, mais tarde a água começou a jorrar em cascatas por cima da estrutura e a cair no riacho Rapid, que atravessa sinuosamente a cidade de uma ponta à outra.

Don Barnett, Prefeito de Rapid City, e Leonard Swanson, engenheiro municipal, inspecionaram a represa de Canyon Lake e saíram dali pelas dez da noite. Bombeiros e policiais advertiram os moradores das imediações do lago e do riacho Rapid para que procurassem lugares mais altos. Pouca gente se preocupou e apenas um punhado de pessoas abandonou os seus lares.

Na realidade, a crise já estava completamente desencadeada. As ruas tinham-se transformado em rios impetuosos. Três bombeiros foram derrubados quando tentavam evacuar pessoas de casas e carros e perderam-se na voragem. Wayne Granum, outro bombeiro, refugiou-se numa casa deserta, mas não tardou a perceber que ela estalava e oscilava. Despindo o equipamento contra incêndio que lhe tolhia os mo-

vimentos, partiu os vidros de uma janela com as mãos nuas, cortando-se gravemente, e subiu para o telhado. Minutos depois, a casa era arrastada pela corrente. Foi de encontro a um poste, que desabou sobre o telhado, pertinho do bombeiro, antes de ser momentaneamente detida por uma ponte de madeira. De repente a casa libertou-se, deixando apenas parte do telhado, à qual Granum se agarrava desesperado. A girar loucamente, o telhado atravessou o Canyon Lake de um lado ao outro, indo encravar-se nas árvores no alto da represa. Granum agarrou-se a um galho forte, para não ser arrastado se a força da água levasse de novo o telhado. «Vou morrer aqui», pensou. «Não dá para escapar!»

EMBORA a essa altura muita gente já tivesse morrido na enchente, o noticiário das 22 horas da Rádio KOTA, que dedicou apenas parte do tempo à emergência cada vez mais grave, anunciou: «Até este momento, não temos notícias de vítimas graves.» Perto das dez e meia, então, um informante não identificado telefonou ao Prefeito Barnett, das Black Hills, com uma mensagem aterradora: uma muralha de água com mais de um metro de altura avançava velozmente pelo riacho Rapid abaixo, em direção à cidade.

Barnett fez então uma advertência final. Às 22h 39m, falando de um carro da Polícia ligado às

estações de rádio e TV, ordenou: «Quem morar seja onde for nas imediações do riacho Rapid fuja!»

Era tarde demais. Os que o ouviram não tiveram tempo para reagir. Poucos minutos depois, às 22h 45m, a represa ruía como um castelo de areia diante da enxurrada. Recorda o bombeiro Granum, que continuava no telhado e agarrado ao galho da árvore: «Foi como se tirassem o tampão de uma banheira.» Quando a água baixou e o telhado repousou no alto da represa, Granum saltou para terra firme. Após uma passagem pelo hospital, onde levou 30 pontos nas mãos feridas, insistiu em reunir-se aos seus co-

legas, para ajudar no salvamento.

Quando a represa foi arrancada das suas bases, uma parede de água e destroços de metro e meio de altura abateu-se sobre Rapid City com o fragor de um trem de carga. Casas e lojas ao longo do riacho Rapid foram arrancadas do chão e levadas pela enxurrada, muitas com os seus ocupantes dentro. Postes arrancados do concreto varavam reboques flutuantes, como arpões gigantescos. Carros arrastados, arremessados como brinquedos de lata, esmagavam-se contra torres de energia elétrica. Um sobrevivente recorda: «Uma casa-reboque de nove metros de compri-



mento passou por mim cavalgando uma onda, como uma prancha de *surf*. Logo atrás vinha um Volkswagen cheio de gente gritando por socorro.»

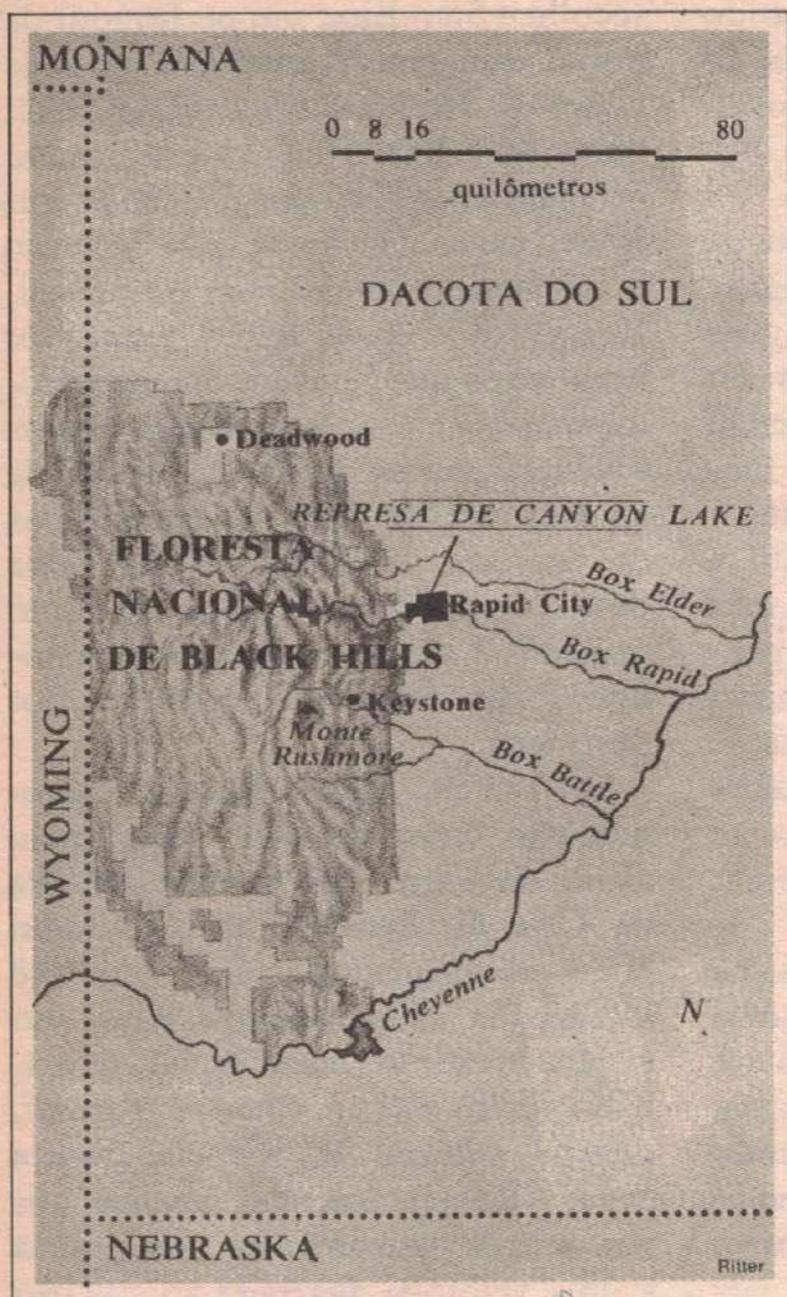
Dorrance Dusek, representante de uma fábrica de móveis, conseguiu abrir caminho através das águas revoltas até um carro enguiçado no qual se encontravam um homem sem pernas e sua aterrorizada mulher. Dusek conseguiu retirar o homem antes de o carro, com a mulher ainda dentro, ser levado pela correnteza. Com o aleijado pendurando-se ao seu pescoço, nadou como pôde até uma casa próxima. «Ainda estávamos na sala da frente quando todo um lado da casa se separou do resto», contou Dusek, mais tarde, ao *World-Herald*, de Omaha. «O aleijado desapareceu na avalanche. Depois ruiu o resto da casa. Dois quarteirões abaixo, agarrei-me a uns fios telefônicos presos a uma casa e fiquei dando pontapés na porta até ser ouvido por quem se encontrava lá dentro. Quando um homem apareceu, larguei os fios, saí flutuando e o homem agarrou-me à passagem.»

À MEDIDA que a catástrofe se desenvolvia, atos heróicos de salvamento de vidas tornaram-se quase rotineiros. Kerry Conner, um mecânico de automóveis de 25 anos, pegou um caminhão e saiu na direção da represa, para ver se podia ajudar. No caminho, viu um barco de alumínio no jardim de uma casa e meteu-o no caminhão. Em seguida

recolheu Stan Bice, um perfurador de poços que estava ajudando os seus vizinhos. Na zona do Canyon Lake, deitaram o barco à água e retiraram do meio dos destroços flutuantes um jovem casal com um bebê. Enquanto Stan seguia com eles para o hospital, Kerry foi com o barco ajudar os bombeiros que lutavam desesperadamente para alcançarem alguns sobreviventes. Antes do fim da noite, ele ajudara a salvar mais de duas dúzias de pessoas. Conner, que não sabia nadar, teve, por sua vez, de ser salvo quando o barco virou e foi demolido pela força da água e dos destroços.

O policial Sam Roach comunicou-se com a sua sede, pelo rádio do carro: «A parede traseira da Casa de Repouso de Mountain View desmoronou.» Sete dos 48 internados idosos foram parar no porão invadido pelas águas. Auxiliado pelo pastor Charles Russell, diretor cultural da Capela Batista Sioux, Roach amarrou lençóis uns aos outros, atirou uma das pontas a uma velhinha agarrada ao colchão que flutuava na água e puxou-a para lugar seguro. Com o prédio ameaçando ruir à sua volta, Roach e Russell, ajudados primeiro por duas enfermeiras e uma auxiliar e depois por outras pessoas, transportaram os sobreviventes, a maioria ainda nas camas, para terra firme. Infelizmente, três afogaram-se, entre eles uma velhinha que voltou ao edifício para buscar os seus óculos.

William Medley e a mulher, ambos majores do Exército de Sal-



vação, estavam levando algumas garotas para um acampamento daquela instituição nas Black Hills, quando os milicianos os mandaram retroceder. William disse à mulher: «É melhor vermos se podemos ajudar.» Pararam primeiro em casa, em Rapid City, onde Joy fez café e sanduíches; depois seguiram para a sede do Exército de Salvação, no centro da cidade, e William beijou a mulher, dizendo-lhe: «Meu bem,

eu vou ajudar a evacuar o pessoal.» Ela nunca mais teve notícias do marido. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte.

As águas e os destroços arrancaram os cabos elétricos, mergulhando a cidade em trevas. De dúzias de canos rompidos vazava gás natural, que foi inflamado por alguns cabos elétricos ainda ativos, criando imensas tochas acesas. O fogo transformou o céu carregado de chuva numa névoa vermelha.

Pouco depois da meia-noite, as águas abaixo do Canyon Lake começaram a recuar. Por toda a parte, ao longo do caminho da inundação, soavam gritos de socorro. Mais de 1.000 pessoas estavam empoleiradas em árvores e telhados. Quatro milicianos localizaram um carro submerso

no meio da correnteza. Pensando que ainda poderia estar alguém lá dentro, tentaram alcançá-lo formando uma cadeia humana, com um deles agarrando-se a uma árvore. A árvore cedeu e a enxurrada arrastou-os. Dois morreram afogados.

Encurrada no seu quarto inundado, uma jovem mãe manteve uma filhinha de colo erguida acima da cabeça durante quatro horas, com

água pelos ombros, até seus gritos serem ouvidos. Gertrude Lux, uma frágil velhinha de 71 anos, foi salva depois de passar cinco horas, com água até ao pescoço, segurando a neta de 16 anos, física e mentalmente retardada, num colchão flutuante de espuma de borracha.

Pouco antes do amanhecer, abaixo da represa destruída, turmas de salvamento alcançaram o pastor Ronald Masters, sua mulher e duas filhas pequenas, todos encolhidos no teto da camioneta deles. Quando o porão da sua casa se enchera de água, cerca das dez e meia da noite, Masters metera a mulher e os cinco filhos no carro, e puseram-se a caminho de uma zona mais elevada. Encontravam-se a menos de um quilômetro abaixo da represa, quando esta cedera e uma muralha de água atingira lateralmente o veículo. «As quatro rodas saíram da estrada e começaram a rodopiar corrente abaixo, como um disco num toca-discos», contou o pastor mais tarde. «Depois encalhamos entre os ramos superiores de duas grandes árvores.»

Enquanto a água subia no interior do carro e a família começava a rezar em voz alta, Masters apoiou-se no volante e tentou desesperadamente forçar uma das portas a pontapés. Por fim, conseguiu abrir cerca de 25 cm de uma janela e passar para o teto. Reclinou-se, enfiou a mão pela abertura, tateou no interior inundado, agarrou um braço e puxou a mulher pela estreita abertura. Ajeitou-a nos galhos de uma

árvore próxima, meteu de novo a mão no carro e agarrou um pé. Era uma das meninas, Karen, que também saiu pela abertura, puxada pelos pés. Ela trazia nos braços o irmão de dois anos e meio, mas, ao sair, a correnteza arrancou-lhe o pequeno corpo dos braços. O cadáver foi encontrado três semanas depois.

Nesse tempo, a água já subira muito acima do teto, e Masters não conseguia chegar à janela e tentar alcançar os seus filhos de oito e 12 anos e a sua filha de 10 anos, que ainda se encontravam no carro. Durante mais de duas horas, Masters agarrou-se às árvores, sobre o teto, com Karen e a mulher. O rugido da água escoando impetuosamente era ensurdecedor e a chuva torrencial e gelada parecia nunca mais parar. Cadáveres passavam flutuando. Por fim, o nível da inundação começou a descer e Masters foi surpreendido por uma voz na escuridão. Voltou a tatear no interior do carro e agarrou um pulso que se mexia. Era sua filha, JoAnn! Sobrevivera mantendo a cabeça numa pequena bolsa de ar, livre de água. Seus irmãos não tiveram a mesma sorte. Estavam mortos.

À LUZ parda e garoenta da manhã de sábado, com a água a recuar nas planícies, Rapid City começou a reagir. Continuou a busca de sobreviventes ainda isolados pela cheia, em meio ao cheiro nauseabundo dos escapamentos de gás e do fumo acre. Havia mortos

por toda a parte. Só numa área de 10 quarteirões foram encontrados 85 cadáveres arrastados pela correnteza. Pelo meio da manhã, a turma local de Defesa Civil estabeleceu a sua sede no porão de um tribunal.

Não havia escassez de mãos para ajudar. Joy Medley, apesar da morte do marido, organizou e manteve funcionando, durante 48 horas consecutivas, o primeiro posto de assistência. Maravilhado, um repórter da Associated Press observou: «Os primeiros sanduíches que ela fez na sua cozinha, na sexta-feira à noite, multiplicaram-se, como os pães e os peixes, em mais de 20.000 refeições.»

Gary Pedersen, ex-enfermeiro naval que perdera um braço no Vietname, ajudou a vacinar contra o tétano e o tifo mais de 20.000 residentes e membros das turmas de socorros.

Para que o sistema de abastecimento de água voltasse a funcionar, o médico Paul Harper, que servia na Base Aérea de Ellsworth, ali perto, e sua mulher, enfermeira diplomada, vestiram as suas roupas de mergulho e trabalharam debaixo de água, limpando os canos de entrada da estação de tratamento de águas.

Com equipamento pesado, em grande parte cedido por empreiteiros que não pensavam em lucro, caminhões, guindastes e escavadeiras vindos de centenas de quilômetros de distância, cerca de 3.000 operários começaram a retirar uma média de 275 caminhões cheios de destro-

ços por hora. Dois mil milicianos e voluntários participaram na busca de cadáveres, tarefa sinistra agravada pelo perigo da presença de cascavéis trazidas pela enchente.

De todo o país chegaram ofertas generosas para a cidade atingida pela catástrofe. As dádivas em dinheiro, de particulares e empresas, ascenderam a mais de um milhão de dólares, Cento e vinte toneladas de alimentos e vestuário de donativos encheram um enorme hangar da Base Aérea de Ellsworth. O dono de um aviário mandou milhares de galinhas. Chegavam constantemente carros cheios de rapazes e moças oferecendo-se para «qualquer coisa». Muitos foram encarregados de procurar cadáveres; outros trabalharam para a Cruz Vermelha, para o Exército de Salvação, ou passaram horas nos cruzamentos de ruas orientando o trânsito, em meio a nuvens de poeiras vermelha tão densas que tinham de usar máscaras. As autoridades da Defesa Civil classificaram os jovens de «maravilhosos». Observando que o esforço feito pela comunidade demonstrava como a vida podia ser sempre, mas não era, o *Journal*, de Rapid City, escreveu o seguinte: «Da tragédia nasceu a boa vontade, num exemplo esplendoroso de participação e interesse.»

Na realidade, serão a força e a abnegação do homem que permanecerão na memória muito tempo depois de as cicatrizes físicas da tragédia de Rapid City se terem apagado.